

ESTRANGEIROS QUE ESCREVERAM SOBRE O RIO DE JANEIRO

Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci
(Unesp – Franca, SP)

Entre os numerosos trabalhos publicados ao ensejo do quarto centenário da cidade do Rio de Janeiro, merece destaque a importantíssima obra de Paulo Berger, exaustivo trabalho a revelar não apenas interesse, mas igualmente o cuidado necessário para dar a empreendimento dessa natureza o sentido de segurança e exatidão que lhe são necessários. A primeira edição saiu pela Livraria São José, em 1964 e dela nos ocupamos, pouco depois, nas páginas da extinta “Revista de História”. Quinze anos depois, entendeu o autor de publicar uma segunda edição, “ampliada e revista” dessa obra fundamental aos pesquisadores e aos estudiosos em geral. Novos verbetes, informa o autor, foram introduzidos, num total de 690, compreendendo livros não citados na edição original, obras inéditas e totalmente desconhecidas das bibliografias brasileiras, “livros cuja edição não vimos e que agora foram completados com seus dados bibliográficos, bem como traduções e reedições novas”. Por outro lado, excluiu três autores que constavam da primeira edição (Ebeling, Hawks e Heeren), por constatar que não estiveram no Rio de Janeiro. O autor enumera as diversas entidades culturais, com as quais contou, para a ampliação de suas pesquisas em torno do tema fascinante. Cremos oportuno reproduzir o que escrevemos sobre a primeira edição:

“O intuito do autor foi relacionar todas as obras, raras ou não, desde que contenham descrições de viajantes ou relatos de escritores, cronistas e geógrafos estrangeiros, relativos à cidade do Rio de Janeiro. Enumera-as em suas edições originais ou em suas reedições e traduções em outras línguas. Inclui, naturalmente, todas as edições e traduções brasileiras existentes, ‘não só para que sirvam de fonte de pesquisa para quem não domine línguas estrangeiras, como também para que se tomem conhecidas dos bibliotecários e livreiros de todo o mundo’. As pesquisas do autor vão de 1531 a 1900, limitando-se a livros e opúsculos, deixando de lado, pois, trabalhos publicados em periódicos e os manuscritos. Disso resultou um catálogo ‘que obedece a alguns preceitos nem sempre rigorosamente de acordo com as normas clássicas da biblioteconomia’, pois a própria marcha de suas pesquisas ditou-lhe os preceitos que foi, aos poucos, imprimindo aos dados pesquisados. Quanto à elaboração dos verbetes, julga o autor prudente justificar ‘algumas discrepâncias com as normas habituais em trabalhos no gênero’. Tendo em vista ser útil ao

coleccionador particular e especialmente ao pesquisador, o autor ampliou alguns dados úteis a estes e não aos bibliotecários e livreiros. Portanto, seu trabalho poderia chocar a esses profissionais por algumas minúcias que o tornam demasiadamente complexo. Todavia, espera que os bibliógrafos apreciem as suas descrições, que lhes permitirão verificar facilmente se os seus exemplares estão rigorosamente complexos e perfeitos, sem falta de páginas ou gravuras. Por outro lado, os 'investigadores terão possibilidades de obter em seu trabalho pontos de partida para novas investigações'.

De fato, o trabalho em questão chega a requintes de capricho que podem parecer excessivos. Entre outras coisas, a reprodução fac-similar de um sem-número de páginas de rosto de obras raríssimas arroladas em seu livro, bem como a indicação de onde se podem encontrar tão valiosos cimélios. Parece-nos desnecessário insistir no interesse de um trabalho como este de Paulo Berger. Certamente ele servirá — tal como prevê o autor — de 'ponto de partida para novas investigações', tendentes a selecionar e resenhar de tantas obras aquelas que podem valer como fonte para o conhecimento do Brasil na época em que seus autores o visitaram. Que trabalhos idênticos — embora dispensando tantos requintes — possam ser elaborados para outras regiões ou outros assuntos, permitindo uma cobertura bibliográfica que complete alguns catálogos já elaborados, como, entre outros, o de Rubens Borba de Moraes para os livros raros, o de Alfredo de Carvalho, para os livros estrangeiros em geral (infelizmente incompleto), o de José Honório Rodrigues para o período holandês, o de Herbert Baldus para a etnografia e o de Odilon Nogueira de Matos para os viajantes do século XIX”.

O uso freqüente da obra de Paulo Berger nestes anos que nos separam da primeira edição não nos autorizaria a repetir, hoje, a observação que então fizemos quanto aos requintes de publicar clichês das páginas de rosto ou as indicações topográficas dos livros citados, pois tudo isto acabou revelando-se de suma utilidade, quer para nós mesmo, quer para outros que, segundo temos conhecimento, trabalham em seara semelhante.

A segunda edição da preciosa **Bibliografia** de Paulo Berger foi editada oficialmente pelo Instituto Estadual do Livro do Rio de Janeiro. Esperamos que este caráter de publicação “oficial” de que, agora, se reveste o livro, não dificulte a sua divulgação, como freqüentemente ocorre com as edições oficiais. Não sendo vendidas, quem as consegue obter, se não tiver bom relacionamento com o autor ou com a entidade que as edita? No caso presente, dela nem teríamos conhecimento, não fora a gentileza do autor em obsequiar com um exemplar ao responsável por esta publicação.

*

*

*